



**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 TOCANTINS SOBRE AS QUEIMADAS

**GURUPI - TO
DEZEMBRO/2021**

Alice de Sousa Batista

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 DO TOCANTINS SOBRE
QUEIMADAS**

Artigo científico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi – UnirG, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

DATA: 07, Dezembro de 2021

RESULTADO: Aprovada

CONCEITO: 9,7

BANCA EXAMINADORA

Profa. Marina Parreira Barros Bitar

Ass: Marina Parreira Barros Bitar

Profa. Poliana Macedo de Sousa

Ass: Poliana Macedo de Sousa



ALICE DE SOUSA BATISTA

A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 TOCANTINS SOBRE AS QUEIMADAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Graduação em Jornalismo, da Universidade de Gurupi – UnirG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Professora Mestra Gabriela Melo.

**GURUPI – TO
DEZEMBRO/2021**

Alice de Sousa Batista

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 DO TOCANTINS SOBRE
QUEIMADAS**

Artigo científico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi – UnirG, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

DATA: 07, Dezembro de 2021
RESULTADO: Aprovado
CONCEITO: 9,7

BANCA EXAMINADORA

Profa. Marina Parreira Barros Bitar

Ass: Marina Parreira Barros Bitar

Profa. Poliana Macedo de Sousa

Ass: Poliana Macedo de Sousa

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e saúde.

Aos meus amigos, que apesar de poucos, são incríveis e estiveram ao meu lado durante essa trajetória, em especial à Fernanda Barbosa de Alencar, que sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos.

Ao meu pai, que me criou sozinho e nunca deixou que nada faltasse, principalmente educação. E finalmente, a pessoa admirável que é a minha orientadora, Prof.^a Mestra Gabriela Melo, sempre paciente e positiva ao me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho.

SUMÁRIO

Resumo.....	6
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 Jornalismo especializado e jornalismo ambiental	7
2.2 Jornalismo ambiental versus jornalismo de meio ambiente.....	9
2.3 Queimadas no Tocantins	10
3. METODOLOGIA	12
4. ANÁLISE DE DADOS.....	13
4.1 Categoria factual com foco no problema	13
4.2 Categoria factual com foco no trabalho das autoridades	14
4.3 Categoria educativa.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

A cobertura jornalística do G1 Tocantins sobre as queimadas

Alice de Sousa Batista¹
Gabriela Melo²

Resumo

O artigo propõe identificar se o G1 Tocantins realiza jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente em matérias sobre queimadas no estado do Tocantins. Com base nos autores Juski et al (2020), Belmonte (2017) e Bueno (2007), foram explorados conceitos de jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas. A partir de uma análise descritiva, 76 matérias foram categorizadas como “factual com foco no problema”, “factual com foco no trabalho das autoridades” e “educativa”. Os resultados indicam que o G1 Tocantins não realiza jornalismo ambiental em matérias sobre queimadas.

Palavras-chave: Jornalismo especializado; Jornalismo ambiental; Jornalismo de meio ambiente; Queimadas; G1 Tocantins.

1. INTRODUÇÃO

O Tocantins está localizado na Região Norte do Brasil. É o estado mais novo do país e já esteve entre os que mais registraram queimadas. Apesar de apresentar focos durante todo o ano, o mês em que mais se tem registros é setembro, período de seca e vento, que contribui para o agravamento das queimadas. Parte desses resultados se deve ao bioma Cerrado, que abrange 90% da sua área territorial³.

No Brasil, o hábito de queimar é comum, tanto para se livrar de lixo doméstico, quanto para manejar áreas de pastagem e produção agrícola. Essas práticas acabam gerando impactos ambientais que trazem consequências para diversas áreas das relações humanas, principalmente para a saúde. Além disso, a fumaça liberada promove o risco de incêndios, resultando na perda de controle do fogo, podendo queimar áreas não desejáveis e grande parte do meio ambiente.

Na mídia, esse assunto ganha destaque no período em que ocorre e causa preocupação com a abordagem utilizada. Um dos veículos jornalísticos que faz a cobertura das queimadas é o G1

¹ Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi, e-mail: alicedesusabatista@gmail.com.

² Mestra pela UFT e professora da Universidade de Gurupi, e-mail: gabrielamelogpm@gmail.com

³ Disponível em: <https://www.to.gov.br/naturatins/noticias/governo-do-tocantins-destaca-defesa-do-bioma-no-dia-nacional-do-cerrado/52vu27qmh43z>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Tocantins, um portal de notícias do Grupo Globo criado no ano de 2006, para reunir o material jornalístico dos veículos de comunicação da emissora (ROCHA, 2011).

Esta pesquisa teve como problema identificar se o G1 Tocantins realiza jornalismo ambiental ou de jornalismo de meio ambiente em suas reportagens sobre queimadas, sendo esse também o objetivo geral. Enquanto os objetivos específicos consistiram em compreender os conceitos de jornalismo ambiental e jornalismo de meio ambiente; categorizar as matérias publicadas sobre queimadas no período pesquisado e verificar o conteúdo e as fontes das matérias para entender se há abordagem educativa.

Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica de estudos sobre jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas. Utilizando o método análise de conteúdo com abordagem quali-quantitativa, foram levantadas 76 matérias do site G1 Tocantins, um dos veículos jornalísticos que faz a cobertura de todo o estado. As edições analisadas corresponderam aos anos de 2020 e 2021, por serem mais recentes e nos meses de agosto e setembro, visto que são os períodos de estiagem, sendo o mês de setembro o pico dos focos.

Como hipótese entende-se que o G1 Tocantins realiza o jornalismo de meio ambiente, no qual em suas reportagens, apenas noticia as ocorrências emergenciais das queimadas de forma superficial, não aprofundando o conteúdo como é feito no jornalismo ambiental e não apresentando cunho educativo. O jornalismo, além de noticiar determinado fato, tem o dever de apresentar as causas, consequências e possíveis soluções para a sociedade que o acompanha.

Em vista disso, a presente pesquisa torna-se relevante por tratar de um problema ambiental e social, que afeta anualmente o meio ambiente, os animais e a população. A cobertura da mídia sobre as queimadas é um tema pouco explorado em pesquisas no Tocantins, por causa disso, é importante haver essa discussão para debater o papel da imprensa diante da conscientização para os cuidados do meio ambiente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Jornalismo especializado e jornalismo ambiental

No jornalismo, assim como em outras áreas, existe a especialização. Segundo Juski et al (2020) é possível definir o jornalismo especializado como o ato de aperfeiçoar as técnicas de reportar os assuntos, dando maior profundidade. Já para Tavares (2007) o jornalismo

especializado tem duas perspectivas: uma normativa, voltada para a produção de textos e técnicas; e outra mais conceitual, “direcionada para a formulação de um lugar teórico para tal manifestação no campo do jornalismo” (TAVARES, 2007, p. 116).

O jornalismo especializado não tem um conceito bem definido, para alguns autores trata-se da formação do jornalista e para outros diz respeito à vinculação temática. Apesar dos diversos conceitos, este artigo pretende abordar o jornalismo especializado voltado para o aprofundamento de áreas, especificamente o jornalismo ambiental. Mas, antes de falar sobre o jornalismo ambiental, é necessário entender como a mídia passou a se preocupar com as questões ambientais.

No ano de 1968, a Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura⁴ (Unesco) realizou em Paris a Conferência da Biosfera. Foi a partir daí que os debates sobre desenvolvimento econômico e industrial dos países passaram a inserir nas discussões o uso dos recursos naturais e impactos das práticas humanas sobre o planeta, como relata Juski et al (2020). A partir desse período, pautas sobre meio ambiente passaram a aparecer com maior frequência nas páginas dos jornais.

No Brasil, essa característica chegou em 1972, quando ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente⁵, porém, ainda era feito um jornalismo sem especialização e com características científicas. Belmonte (2017) acredita que a separação entre o que era científico e ambiental ocorreu com a realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre 27 e 30 de novembro de 1989. “Apesar da pequena participação, apenas 60 jornalistas, o evento realizado pela Fenaj inspirou a formação de uma série de núcleos regionais de jornalistas interessados na área ambiental na véspera da realização da Conferência Rio 92” (BELMONTE, 2017, p. 114).

Sediada no Brasil, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi realizada no ano de 1992 e tinha como objetivo atualizar os dados e as pautas ambientais. Era uma forma de sensibilizar os governos do mundo em relação à preservação e recursos do planeta (JUSKI, 2020).

⁴ Disponível em: <https://en.unesco.org/mab>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁵ Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-das-nacoes-unidas-para-o-meio-ambiente-humano-estocolmo-rio-92-agenda-ambiental-paises-elaboracao-documentos-comissao-mundial-sobre-meio-ambiente-e-desenvolvimento.aspx>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Para Belmonte (2017), apesar de em alguns casos o jornalismo ambiental ser considerado apenas como uma especialização, a sua abordagem vai além dos assuntos de meio ambiente. O autor apresenta uma visão enriquecedora sobre essa especialização em jornalismo ambiental:

Obviamente ele trata de temas ambientais, mas a partir de um ponto de vista diferenciado, engajado, envolvido. Diante dos crescentes desafios socioambientais, o jornalista ambiental trabalha comprometido com a promoção da qualidade de vida planetária. A partir de uma diversidade de fontes, olha além das consequências, em busca das causas e soluções dos problemas ambientais (BELMONTE, 2017, p. 119).

Nessa perspectiva, é necessário entender os tipos de jornalismo que relatam o meio ambiente, já que nem sempre tratam o jornalismo especializado com o devido aprofundamento. O jornalismo informativo pode, por vezes, apenas noticiar de modo direto. Para uma compreensão mais ampla, esta pesquisa levanta conceitos de jornalismo ambiental e jornalismo de meio ambiente.

2.2 Jornalismo ambiental versus jornalismo de meio ambiente

Conforme Bueno (2007), o jornalismo ambiental possui três funções básicas: a informativa, a pedagógica e a política. A função informativa tem o papel de levar aos cidadãos os acontecimentos referentes ao meio ambiente, levando em consideração o impacto que os hábitos do ser humano têm sobre ele. A função pedagógica, ou seja, educativa, tem o objetivo de evidenciar as causas, soluções e quais atitudes o cidadão deve tomar para que os problemas ambientais sejam solucionados. E a função política diz respeito à mobilização da população (incluindo empresas e governantes) para diminuir o agravamento da questão ambiental.

Em contrapartida, essa área pode ser confundida com conteúdos generalistas que incluem o meio ambiente, o que pode ser chamado de jornalismo de meio ambiente (ou sobre meio ambiente). Geralmente, o jornalismo que fala sobre o meio ambiente se baseia em critérios de proximidade, atualidade e interesse, priorizando catástrofes e riscos ambientais (DORNELLES, 2012). Girardi, Camana e Loose (2015, p. 377) explicam melhor esse conceito:

A própria noção de ambiente neste caso é bastante restrita, pois ancora-se na crença que separa sociedade e natureza, sendo a segunda o objeto de tal prática jornalística. Matérias que apresentam esse olhar são muito frequentes. Além de terem um viés econômico e político (a serviço dos interesses econômicos de curto prazo), não mostram as conexões dos temas abordados com a cultura e com os aspectos ambientais.

Mesmo o meio ambiente sendo pauta, não possui as mesmas características da especialização na área ambiental. Uma maneira simples de identificar esse tipo de jornalismo é observando a abordagem e as fontes utilizadas nas matérias. Há uma padronização de fontes oficiais, acadêmicas, especialistas e governamentais (DORNELLES, 2012; BUENO, 2007).

Dentre as diversas causas ambientais apresentadas pelo jornalismo, estão as queimadas, que acontecem no Brasil todos os anos e geram um problema ambiental frequente que ganha notoriedade na mídia nos períodos de maior intensidade. Neste contexto, a cobertura sobre queimadas pode se enquadrar nos conceitos de jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente, a depender da abordagem utilizada.

2.3 Queimadas no Tocantins

As queimadas podem estar relacionadas tanto com causas naturais (descarga elétrica de relâmpagos), quanto com as ações do homem (FREITAS, 2010; SILVA JUNIOR et al, 2018). Entretanto, a esmagadora maioria são resultados de ações humanas como limpeza de pastos, preparo de plantios, queima de lixo urbano, desmatamentos, vandalismo e queda de balões (MACEDO e BIAZUSSI, 2017).

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que monitora os focos de queimadas no Brasil, mostram que em 2020 o Tocantins teve 12.093 focos ativos. Em 2021, até o dia 21 de novembro foram totalizados 9.916 focos, como aponta o quadro 1.

Quadro 1 – Focos ativos no Tocantins

Ano	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
2020	75	77	111	221	446	1188	1361	1714	3977	2192	520	211	12093
2021	76	56	65	85	851	1149	1794	2757	1785	1213	85	-	9916

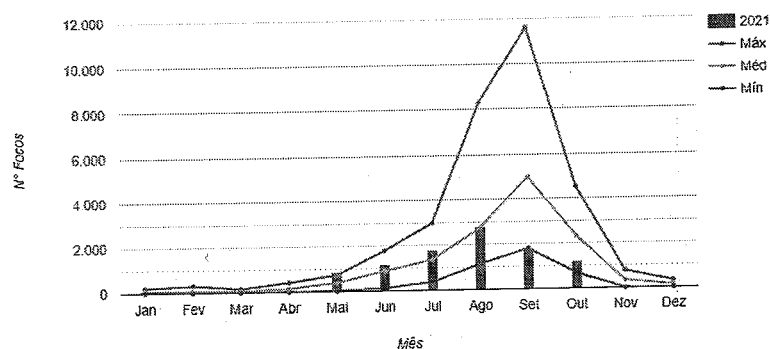
Fonte: INPE

Conforme o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado – PPCerrado (2009), um dos biomas brasileiros que mais sofrem com as queimadas e incêndios florestais é o Cerrado, que ocupa 24% da área territorial do país e é afetado com a alteração da paisagem, habitats, erosão dos solos, extinção de animais, entre outros.

Além disso, cerca de 90% da área territorial do Tocantins é composta por esse bioma, que tem como característica a baixa umidade, altas temperaturas e muito vento, favorecendo o surgimento de incêndios florestais (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO TOCANTINS, 2020).

De acordo com o Relatório Final das Ações do Comitê do Fogo de 2020, no Tocantins, diferente de outros estados brasileiros, apenas duas estações são bem definidas: verão chuvoso e inverno seco. O período de estiagem é extenso e a umidade relativa do ar é baixa, chegando a menos de 12%, situação de emergência. Por causa disso e pelos ventos intensos, o fogo nessa região se espalha pela vegetação mais rapidamente (MACHADO, 2012). No mês de setembro, o número de focos de calor aumenta consideravelmente no estado (Figura 1).

Figura 1 – Comparativo mensal do estado do Tocantins com dados do ano corrente com os valores máximos, médios e mínimos, no período de 1998 até 21/11/2021.



Fonte: INPE

O Sistema de Informações Ambientais Integrado a Saúde (SISAM)⁶, alerta que o contato com a fuligem liberada pelas queimadas prejudica a visão, o ar e a saúde, além de deteriorar o meio ambiente.

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa bibliográfica, baseada em textos, livros, artigos científicos, teses e dissertações, como relatam Marconi e Lakatos (2017), levantando conceitos de jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas.

Quanto ao tipo de pesquisa, caracteriza-se como descritiva e teve como principal objetivo descrever as características das matérias do objeto escolhido. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”, afirma Gil (2002, p. 42).

A aplicação da abordagem quali-quantitativa traz uma mistura de qualitativa e quantitativa. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa busca obter ideias mais abrangentes e significativas, reexaminando e modificando o conjunto inicial de categorias, enquanto na pesquisa quantitativa o trabalho é realizado a partir de dados anteriores. Portanto, foi realizada a tabulação de dados por meio do programa Excel para análise quantitativa e textos narrativos para análise qualitativa.

No que se refere à área de realização, a pesquisa foi realizada no estado do Tocantins, região norte do Brasil, com matérias em formato de texto contidas no G1 Tocantins, um portal de notícias do Grupo Globo criado no dia 18 de setembro de 2006 para reunir o material jornalístico de todos os veículos de comunicação da emissora. Por meio das afiliadas disponibiliza conteúdos locais de todos os estados brasileiros, como é o caso da TV Anhanguera no Tocantins. No site, é possível ter acesso a reportagens multimídia em formato de textos, fotos, áudio e vídeo (GRANDE, 2015; MEDINA, 2021).

As matérias de outros jornais não foram utilizadas, mesmo se tratando de queimadas no Tocantins, pois o objetivo da pesquisa é analisar as matérias regionais desse veículo em específico. A análise ocorreu nos anos de 2020 e 2021, do primeiro dia do mês de agosto ao último dia do mês de setembro de cada ano, visto que são períodos de seca e setembro é o mês

⁶ Disponível em: <https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/sisam/v2/poluentes-saude/>. Acesso em: 13 set. 2021.

de pico das queimadas. O mecanismo de busca do site foi utilizado para encontrar as matérias sobre queimadas, com a palavra-chave “Queimadas Tocantins”.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se estuda, visando o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, entre outros, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.

Antes da coleta foram levantados conceitos e estudos sobre jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas no Tocantins. Aplicando o método análise de conteúdo, as matérias foram classificadas de acordo com características comuns identificadas na escrita e posteriormente diferenciadas entre as que abordam jornalismo ambiental e as que tratam de jornalismo de meio ambiente. Bardin (1977), define a categorização como um processo estruturalista de duas etapas, em que na primeira isola-se os elementos e na segunda os reparte, fazendo a organização das mensagens.

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise de conteúdo das matérias sobre queimadas no Tocantins teve como base as características do jornalismo ambiental e do jornalismo de meio ambiente. A partir disso foi verificado se elas apresentavam as três funções básicas do jornalismo ambiental: informativa pedagógica e a política, conforme Bueno (2007), ou se caracterizavam como jornalismo de meio ambiente, utilizando critérios de proximidade, atualidade, interesse e priorizando catástrofes com um padrão de fontes oficiais e governamentais, como relatam Bueno (2007) e Dornelles (2012). Foram coletadas 76 matérias, divididas em três categorias: “Factual com foco no problema”, “Factual com foco no trabalho das autoridades” e “Educativa”, categorizadas dessa forma devido às características em comum identificada entre elas (quadro 2).

Quadro 2 – Porcentagens das categorias

Categoria	Porcentagem
Factual com foco no problema	11,84%
Factual com foco no trabalho das autoridades	76,31%
Educativa	11,84%

Fonte: Elaborado pela autora

4.1 Categoria factual com foco no problema

Dentre as 76 matérias analisadas, nove, ou seja, 11,84% se classificaram com o que esta pesquisa considerou como “factual com foco no problema” e davam a informação bruta, apenas relatando um acontecimento de queimada ou incêndio, com informações de horário, local, dia e ação do Corpo de Bombeiros Militar. Também traziam como fonte o Ministério Público Estadual (MPE-TO), Secretaria de Meio Ambiente, Defesa Civil, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e em quatro casos, relatos dos moradores.

A certeza da causa do fogo foi relatada apenas uma vez na matéria de uma empresa que utilizou o fogo para facilitar a colheita de cana-de-açúcar. O foco estava no valor da multa paga pela empresa e nas decisões dos órgãos públicos, fugindo da função política apresentada no jornalismo ambiental, em que as empresas também têm o papel de se mobilizar para diminuir o agravamento em relação ao meio ambiente, faltando esse conscientização.

Raramente as consequências foram abordadas, nenhuma apresentou soluções ou possíveis ações que poderiam evitar novas queimadas. Dessa forma, as notícias desta categoria se enquadram no jornalismo de meio ambiente, já que trazem os critérios de proximidade e atualidade e há frequência de fontes oficiais e governamentais, sem aprofundar a informação.

4.2 Categoria factual com foco no trabalho das autoridades

Do total, a maioria das matérias analisadas se enquadrou nesta categoria, que resultou em 76,31%, tendo como ênfase principal as ações realizadas pelas equipes de combate e helicópteros enviados pelo Governo para apagar o fogo (figura 2), que em grande parte se encontravam em serras e matas fechadas.

Figura 2 – Ações das equipes de combate

Cerca de 300 homens do Exército vão reforçar o combate ao fogo em locais de difícil acesso

Em Palmas, focos atingem serras e dificultam o trabalho das equipes. Em Paraná, grande queimada se alastrou por 46 fazendas e queimou 23 porcos e outros animais.

Por TV Anhangüera
06/03/2020 16h31 - Atualizado há um ano



Cerca de 300 homens do Exército reforçam combate a incêndios em locais de difícil acesso

Fonte: G1 Tocantins

De modo geral, dá-se a entender que os perigos dos incêndios nessas áreas acabavam sendo esquecidos pela importância dada à mobilização das equipes de combate e atitudes tomadas pelo Governo, apresentando um viés político com interesses econômicos. Outra característica notável é a repetição de informações de outras matérias, com dados de queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) no final do texto.

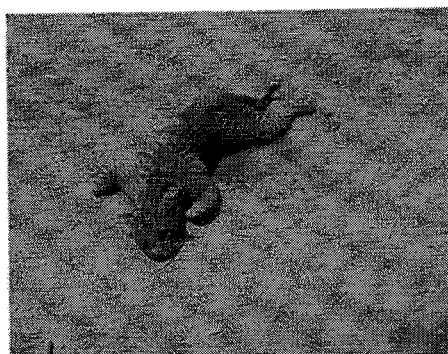
Matérias sobre animais que foram queimados ou afetados pelo fogo se repetem cinco vezes (figura 2), apresentando um viés sensacionalista utilizado para chamar atenção dos leitores, sem focar na parte mais importante de um assunto como esse, que é o perigo causado aos animais e o desequilíbrio à fauna. As fontes variaram entre Governo do Tocantins, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Secretaria de Segurança Pública, Exército, Centro Integrado de Operações Aéreas (Ciopaer), INPE, Polícia Militar, bióloga, produtores e moradores afetados.

Figura 3 – Animais queimados

Jaguarica morre queimada após incêndio atingir área de chácaras em Alvorada

Propriedade onde animal foi encontrado fica a cinco quilômetros da cidade. Incêndio durou várias horas e só foi apagado com apoio de fazendeiros da região.

Por G1 Tocantins
18/09/2020 12h01 - Atualizado há 10 min



Animais queimados por queimadas em áreas rurais - Foto: Trevisan Pinheiro/Divulgação

Fonte: G1 Tocantins (2021)

Algumas notícias são sobre queimadas em zonas rurais, prática comum utilizada no Estado para limpeza de pasto. Em nenhuma delas foi explicado de forma aprofundada sobre o perigo que essa ação pode ter para os animais, muitas vezes saindo do controle e causando incêndio em áreas não desejadas como outras fazendas ou locais de preservação ambiental. Já que muitas vezes os produtores podem não ter conhecimento da gravidade dessas práticas e é para isso que serve o jornalismo ambiental, como relata Belmonte (2017), para promover qualidade de vida ao planeta.

Aqui foi possível notar uma frequência maior da exposição de causas, consequências e explicações sobre perigo do fogo para a fauna e a flora, mas ainda de forma muito superficial. Sendo assim, as matérias dessa categoria também se enquadram no jornalismo sobre meio ambiente.

4.3 Categoria educativa

Já a categoria classificada como “educativa” mostra que somente 11,84% das reportagens se aproximaram do que pode ser definido como jornalismo ambiental, trazendo orientações aos leitores sobre os riscos das queimadas em diversos aspectos. Dentre os assuntos observados

nessas matérias, podemos citar os prejuízos para os animais, como por exemplo ameaça às espécies em extinção e sequelas deixadas pela fumaça, além da separação da mãe com os filhotes no ato da fuga do fogo e perda da vegetação e frutos nativos do Cerrado.

Outros assuntos foram a explicação do aumento de focos no mês de setembro, problemas para a saúde, reflorestamento de áreas desmatadas, manejo inadequado do solo e orientações do que não se pode fazer com o fogo. As fontes utilizadas foram brigadistas da Área de Proteção Ambiental (APA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), Defesa Civil, prefeitura, Secretaria do Meio Ambiente, veterinário, geólogo, produtores rurais e comunidade.

Nessa categoria há uma preocupação em solucionar os problemas para evitar outros futuros. Mas, é importante dizer que mesmo sendo educativas, as matérias apenas se aproximam do jornalismo ambiental, nenhuma contém todas as características desse tipo de jornalismo especializado, pois sempre está faltando alguma informação ou precisam ser mais exploradas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema inicialmente proposto por esta pesquisa consistiu em identificar se o portal G1 Tocantins realiza jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente, sob a hipótese de que é realizado o jornalismo de meio ambiente, com matérias superficiais que não apresentam cunho educativo. A hipótese levantada foi parcialmente confirmada, pois o G1 realiza jornalismo de meio ambiente, mas há presença da abordagem educativa também.

O objetivo geral de identificar se o G1 Tocantins realiza jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente em matérias sobre queimadas foi alcançado, assim como os específicos: compreender os conceitos de jornalismo ambiental e jornalismo de meio ambiente; categorizar as matérias publicadas sobre queimadas no período pesquisado e verificar o conteúdo e as fontes das matérias para entender se há abordagem educativa.

Baseada em textos, livros, artigos científicos, jornais e revistas, esta pesquisa bibliográfica levantou os conceitos de jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas. Feito isso, foi possível compreender, diferenciar e identificar quais matérias se tratavam ou não de jornalismo ambiental de forma clara.

Foram analisadas 76 matérias referentes aos meses de agosto e setembro dos anos de 2020 e 2021, divididas em três categorias: Factual com foco no problema (11,84%), Factual com foco no trabalho das autoridades (76,31%) e Educativa (11,84%). Quanto aos resultados, a categoria factual com foco no problema teve matérias que davam a notícia rápida, relatando

horário, local e dia das queimadas ou incêndios. Traziam as fontes primárias, oficiais e de referência, com matérias que deram certeza da causa do fogo apenas uma vez e raramente abordou as consequências, soluções ou precauções, se caracterizando como jornalismo de meio ambiente.

A categoria factual com foco no trabalho das autoridades teve como destaque principal as ações realizadas pelas equipes de combate, com repetição de informações de outras matérias e dados de queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) no final do texto. As fontes variaram entre primárias, oficiais, de referência e especializada, sendo possível notar uma frequência maior da exposição de causas, consequências e explicações, mesmo de forma muito superficial, sendo assim enquadradas no jornalismo de meio ambiente.

Já a categoria que mais se aproximou do jornalismo ambiental foi a educativa, que nas matérias trouxe orientações aos leitores sobre os riscos das queimadas em diversos aspectos. As fontes utilizadas foram primárias, oficiais, de referência e especializada. Nessa categoria houve uma preocupação em solucionar os problemas, mas mesmo sendo educativas, as matérias apenas se aproximam do jornalismo ambiental. Nenhuma contém todas as características desse tipo de jornalismo especializado, pois precisam ser mais exploradas.

Em relação ao G1 Tocantins não realizar jornalismo ambiental, entende-se as rotinas produtivas das redações jornalísticas e também o acúmulo de funções. Contudo, isso não anula o objetivo principal da profissão, que é levar informação de qualidade. É importante que um jornal convencional aborde o máximo de informação possível sobre o meio ambiente, de forma que aquelas pessoas que o acompanham estejam cientes sobre as consequências e aprendam como mudar esse cenário.

Isso não quer dizer que deva realizar jornalismo especializado, uma busca por fontes que possam explicar melhor as situações do fogo já seriam de grande valia. É importante noticiar os acontecimentos, mas também é necessário que exista uma explicação nessas matérias, pois é um problema muito frequente no Tocantins e a população precisa aprender a lidar com isso e principalmente evitar a prática de queimar. O jornalismo educativo apresentado pelo G1 Tocantins em matérias sobre queimadas não supre a necessidade de despertar uma consciência social para o tema nas pessoas, pois as matérias educativas são minoria.

A realização desta pesquisa foi importante para identificar como as matérias sobre queimadas estão sendo abordadas pelo jornalismo tocantinense e até mesmo a qualidade que está sendo passada ao leitor. Que esta pesquisa possa contribuir e somar a outras pesquisas da temática de jornalismo de meio ambiente e de jornalismo ambiental que possuem um baixo volume no Tocantins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. França: Edições 70, 1977. 229 p.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 31 ago. 2021.

BLAZUSSI, Helen Mariel; MACEDO, Jayrton Noletto de. Queimadas: impactos ambientais e a lei 9.605/98. **Revista Científica do CEDS**, v. 1, n. 7, 2017. Disponível em: http://sou.undb.edu.br/public/publicacoes/queimadas_impactos_ambientais_e_a_lei_9_605_1998_.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

BUENO, Wilson Da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 15, n. 15, p. 33-44, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 31 ago. 2021.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR. **Relatório final das ações do comitê do fogo 2020**. Nov. 2020. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/545551/>. Acesso em: 20 maio 2021.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires; GRIMBERG, Daniela De Seixas. Jornalismo Ambiental: análise dos critérios de noticiabilidade na web. **Revista Vozes e Diálogo**, v. 11, n.1, jan./jun. 2012. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9728/2/Jornalismo_Ambiental_analise_dos_criterios_de_noticiabilidade_na_web.pdf. Acesso em: 29 nov. 2021

FREITAS, Edmar Viana de. Queimadas no Brasil: estudo sobre uma causa real nas rodovias do estado da Bahia. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/nova/index.php/be310/article/view/230>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **Revista Intexto**, n. 34, p. 362-384, 2015. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação – Porto Alegre – RS – set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58452>. Acesso em: 13 set. 2021.

GRANDE, Cristiane Garcia. **A produção da informação em sites de notícias: um olhar sobre o G1 e a Folha de S. Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/A-producao-da-informacao-em-sites-de-noticias-um-olhar-sobre-o-G1-e-a-Folha-de-S.-Paulo.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS – INPE. **Monitoramento dos Focos Ativos Por Estado**. Disponível em: https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal-static/estatisticas_estados/. Acesso em: 4 nov. 2021.

SILVA JUNIOR, Celso Henrique Leite, ANDERSON, Liana Oighenstein; ARAGÃO, Luiz Eduardo Oliveira e Cruz de et al. Dinâmica das queimadas no Cerrado do Estado do Maranhão, Nordeste do Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 35, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/142407>. Acesso em: 25 nov. 2021.

JUSKI, Juliane do Rocio; HOFF, Rafael Sbeghen, FORECHI, Marcilene et al. **Jornalismo Especializado**. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2020. 260 p.

MACHADO, Carlos Augusto. Desmatamentos e queimadas na região norte do Estado do Tocantins. **Caminhos de Geografia**, v. 13, n. 43, 2012. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1175374-desmatamentos-e-queimadas-na-regi%C3%A3o-norte-do-estado-do-tocantins. Acesso em: 31 ago. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 256 p.

MEDINA, Raiza Silveira. **A noticiabilidade e a opinião no webjornalismo: A cobertura do G1, O Antagonista e 247 da pandemia do novo coronavírus**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto, Portugal, 2021.

PLANO DE AÇÃO PARA PREVENÇÃO E CONTROLE DO DESMATAMENTO E DAS QUEIMADAS NO CERRADO – PPCERRADO. Brasília, set. 2009. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia//4514_20090911_104017.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

ROCHA, Liana Vidigal. **A utilização de elementos multimídia no jornalismo online: a cobertura do G1 sobre o Tsunami no Japão**. Público e mídia: perspectivas históricas, v. 8, 2011. VIII Encontro Nacional de História da Mídia – Guarapuava – PR – 28 a 30 abril 2011.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES AMBIENTAIS INTEGRADO A SAÚDE – SISAM. **Poluentes e Saúde**. Disponível em: <https://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/sisam/v2/poluentes-saude/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Revista Estudos em Comunicação**, v. 5, n. 5, 2009. Disponível em: <http://ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.



**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI- UNIRG
CURSODE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 TOCANTINS SOBRE AS
QUEIMADAS**

**GURUPI- TO
JUNHO/2021**



**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI- UNIRG
CURSODE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 TOCANTINS SOBRE AS
QUEIMADAS**

**GURUPI- TO
JUNHO/2021**

ALICE DE SOUSA BATISTA

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO G1 TOCANTINS SOBRE AS
QUEIMADAS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Graduação em Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG como requisito parcial da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Professoras: M.^a Gabriela Pereira Melo e M.^a Marina Parreira Barros Bitar.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	PROBLEMA	5
1.2	HIPÓTESES	5
1.3	JUSTIFICATIVA	5
1.4	OBJETIVOS	6
1.4.1	Objetivo Geral	6
1.4.2	Objetivos Específicos	6
2	QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	7
3	METODOLOGIA	10
3.1	TIPO DE PESQUISA	10
3.2	ÁREA DE REALIZAÇÃO	10
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA	10
3.4	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	11
3.5	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	11
4	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	12
5	ORÇAMENTO	13
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
	APÊNDICES	10

1 INTRODUÇÃO

O estado do Tocantins está localizado na região norte do Brasil. É o estado mais novo do país e já esteve entre os que mais registraram queimadas, no ano de 2018 foram registrados 621 focos, 779 em 2019 e 710 em 2020. Apesar de apresentar focos durante todo o ano, o mês em que mais se tem registros é em setembro, período de seca e vento, que contribui para o agravamento das queimas. Parte desses resultados se devem ao bioma Cerrado, que abrange 90% da sua área territorial¹.

No Brasil, o hábito de queimar é comum, tanto para se livrar de lixos domésticos, quanto para manusear áreas de pastagem e produção agrícola. Essas práticas acabam gerando impactos ambientais que trazem consequências para diversas áreas das relações humanas, principalmente para a saúde. Além disso, a fumaça liberada promove o risco de incêndios, resultando na perda de controle do fogo, podendo queimar áreas não desejáveis e grande parte do meio ambiente.

Na mídia, esse assunto ganha destaque no período em que ocorre e deixa uma certa preocupação com a abordagem utilizada. Um dos veículos jornalísticos que faz a cobertura das queimadas é o G1 Tocantins², um portal de notícias do Grupo Globo criado no ano de 2006, para reunir o material jornalístico dos veículos de comunicação da emissora (ROCHA, 2011).

Portanto, este trabalho se faz com o objetivo geral de identificar se o G1 Tocantins, portal de notícias do Grupo Globo, realiza jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente em matérias sobre queimadas. A pesquisa tem como objetivos específicos compreender os conceitos de jornalismo ambiental e jornalismo de meio ambiente; categorizar as matérias publicadas sobre queimadas no período pesquisado; verificar a abordagem educativa das matérias e incluir a verificação das fontes das matérias para entender se há abordagem educativa ou não.

Para tal, será realizada uma revisão bibliográfica de estudos sobre jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente, jornalismo especializado e queimadas no Tocantins. Utilizando o método análise de conteúdo com abordagem qualitativa, serão levantadas matérias do site G1 Tocantins. O portal foi escolhido como objeto de estudo por ser um dos maiores sites de notícias do estado, pertencente ao Grupo Globo. A análise ocorrerá nos anos de 2018 a 2020, por serem mais recentes e nos

¹ <https://www.to.gov.br/naturatins/noticias/governo-do-tocantins-destaca-defesa-do-bioma-no-dia-nacional-do->

meses de agosto a setembro, visto que são os períodos com maior número de queimadas.

1.1 PROBLEMA

Em suas reportagens sobre queimadas, que tipo de jornalismo o G1 Tocantins realiza: ambiental ou de meio ambiente?

1.2 HIPÓTESES

O G1 Tocantins realiza o jornalismo de meio ambiente, no qual em suas reportagens, apenas noticia as ocorrências emergenciais das queimadas de forma superficial, não aprofundando o conteúdo como é feito no jornalismo ambiental e não apresentando cunho educativo. O jornalismo, além de noticiar determinado fato, tem o dever de apresentar as causas, consequências e possíveis soluções para a sociedade que o acompanha.

1.3 JUSTIFICATIVA

O Tocantins já esteve entre os estados brasileiros com maior número de queimadas (SOBRINHO; JÚNIOR, 2020). Em vista disso, a presente pesquisa torna-se relevante por tratar de um problema ambiental e social, que afeta anualmente o meio ambiente, os animais e a população. A cobertura da mídia sobre as queimadas é um tema pouco explorado no Tocantins, é importante haver essa discussão para debater o papel da imprensa diante da conscientização para os cuidados do meio ambiente.

Os dados serão levantados pelos arquivos do site G1 Tocantins, já que é um dos veículos jornalísticos que faz cobertura de todo o estado, as edições analisadas irão corresponder aos anos de 2018 a 2020, por serem mais recentes e nos meses de agosto e setembro, visto que são os períodos de estiagem, sendo o mês de setembro o pico dos focos.

Um dos objetivos da pesquisa é identificar se o G1 Tocantins produz Jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente, já que há uma diferença nessas nomenclaturas, que pode ajudar a qualificar a abordagem das matérias. Pesquisar sobre esse assunto é importante porque a mídia tem o papel de conscientizadora. Este estudo também poderá contribuir para a pesquisa na área da comunicação regional, podendo servir como base para acadêmicos e jornalistas.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

- Identificar se o G1 Tocantins realiza jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente em matérias sobre queimadas.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Compreender os conceitos de jornalismo ambiental e jornalismo de meio ambiente;
- Categorizar as matérias publicadas sobre queimadas no período pesquisado;
- Verificar a abordagem educativa das matérias.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

No jornalismo, assim como em outras áreas, existe a especialização. Segundo Juski et al (2020) é possível definir o jornalismo especializado como o ato de aperfeiçoar as técnicas de reportar os assuntos, dando maior profundidade. Já para Tavares (2007) o jornalismo especializado tem duas perspectivas: uma normativa, voltada para a produção de textos e técnicas; e outra mais conceitual, “direcionada para a formulação de um lugar teórico para tal manifestação no campo do jornalismo” (TAVARES, 2007, p. 116).

O jornalismo especializado não tem um conceito bem definido, para alguns autores trata-se da formação do jornalista e para outros diz respeito à vinculação temática. Apesar dos diversos conceitos, este artigo pretende abordar o jornalismo especializado voltado para o aprofundamento de áreas, especificamente o jornalismo ambiental. Mas, antes de falar sobre o jornalismo ambiental, é necessário entender como a mídia passou a se preocupar com as questões ambientais.

No ano de 1968, a Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura (Unesco) realizou em Paris a Conferência da Biosfera³. Foi a partir daí que os debates sobre desenvolvimento econômico e industrial dos países passaram a inserir nas discussões o uso dos recursos naturais e impactos das práticas humanas sobre o planeta, como relata Juski (2020). A partir desse período, pautas sobre meio ambiente passaram a aparecer com maior frequência nas páginas dos jornais.

No Brasil, essa característica chegou em 1972, quando aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente⁴, porém, ainda era feito um jornalismo sem especialização e com características científicas. Belmonte (2017) acredita que a separação entre o que era científico e ambiental aconteceu com a realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre 27 e 30 de novembro de 1989. “Apesar da pequena participação, apenas 60 jornalistas, o evento realizado pela Fenaj em 1989 inspirou a formação de uma série de núcleos regionais de jornalistas interessados na área ambiental na véspera da realização da Conferência Rio 92” (BELMONTE, 2017, p. 114).

Sediada no Brasil, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi realizada no ano de 1992 e tinha como objetivo atualizar os

³ <https://en.unesco.org/mab>

dados e as pautas ambientais. Era uma forma de sensibilizar os governos do mundo em relação à preservação e recursos do planeta (JUSKI, 2020). Para Belmonte (2017), apesar de em alguns casos o jornalismo ambiental ser considerado apenas como uma especialização, a sua abordagem vai além dos assuntos de meio ambiente. O autor traz uma visão bastante enriquecedora sobre essa especialização em jornalismo ambiental:

Obviamente ele trata de temas ambientais, mas a partir de um ponto de vista diferenciado, engajado, envolvido. Diante dos crescentes desafios socioambientais, o jornalista ambiental trabalha comprometido com a promoção da qualidade de vida planetária. A partir de uma diversidade de fontes, olha além das consequências, em busca das causas e soluções dos problemas ambientais. (BELMONTE, 2017, p. 119)

Conforme Bueno (2007), o jornalismo ambiental possui três funções básicas: a informativa, a pedagógica e a política. A função informativa tem o papel de levar aos cidadãos os acontecimentos referentes ao meio ambiente, levando em consideração o impacto que os hábitos do ser humano têm sobre ele. A função pedagógica tem o objetivo de evidenciar as causas, soluções e quais atitudes o cidadão deve tomar para que os problemas ambientais sejam solucionados. E a função política diz respeito à mobilização da população (incluindo empresas, setores e governantes) para diminuir o agravamento da questão ambiental.

Em contrapartida, essa área pode ser bastante confundida com conteúdos generalistas que incluem o meio ambiente, o que pode ser chamado de jornalismo de meio ambiente (ou sobre meio ambiente). Geralmente esse tipo de pauta se baseia em critérios de proximidade, atualidade e interesse, priorizando catástrofes e riscos ambientais (DORNELLES, 2012). Girardi, Loose e Camana (2015, p. 377) explicam melhor esse conceito:

A própria noção de ambiente neste caso é bastante restrita, pois ancora-se na crença que separa sociedade e natureza, sendo a segunda o objeto de tal prática jornalística. Matérias que apresentam esse olhar são muito frequentes. Além de terem um viés econômico e político (a serviço dos interesses econômicos de curto prazo), não mostram as conexões dos temas abordados com a cultura e com os aspectos ambientais.

Neste contexto, a cobertura sobre queimadas pode se enquadrar nos conceitos de jornalismo ambiental ou jornalismo de meio ambiente, a depender da abordagem utilizada. Todos os anos as queimadas acontecem no Brasil e ganham notoriedade na mídia no período em que ocorrem. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que monitora os focos de queimada no Brasil, em 2018 o país teve 132.872 focos de queimadas. Em 2019, esse número cresceu para 197.632, e 222.797 em 2020. Só no estado do Tocantins, no ano de 2018, tiveram 621 focos, 779 em 2019, e 710 em 2020.

Parte desses resultados se devem ao bioma Cerrado, que abrange 90% da área territorial do estado e tem como característica a baixa umidade, altas temperaturas e muito vento, favorecendo o surgimento de incêndios florestais (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO TOCANTINS, 2020). De acordo com o Relatório Final das Ações do Comitê do Fogo 2020, no Tocantins, diferente de outros estados brasileiros, apenas duas estações são bem definidas: verão chuvoso e inverno seco. O período de estiagem é extenso e a umidade relativa do ar é baixa, chegando a menos de 12%, situação de emergência.

Entretanto, grande parte dessas queimadas são resultados de ações humanas como limpeza de pastos, preparo de plantios, queima de lixo urbano, desmatamentos, vandalismo, queda de balões, etc. Essas práticas podem resultar na perda da biodiversidade, poluição do ar e no clima (MACEDO; BIAZUSSI, 2017). Desta maneira, o jornalismo especializado em meio ambiente interfere diretamente na forma como as pautas sobre queimadas são produzidas e na informação que é passada ao público.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa básica documental, pois traz documentos como relatórios e mapas. Ela será baseada em textos, livros, artigos científicos, jornais e revistas, caracterizando-se como bibliográfica (Marconi; Lakatos), levantando conceitos de jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa descritiva, tem como principal objetivo descrever as características das matérias do objeto escolhido. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”, afirma Gil (2002, p. 42).

A abordagem será qualiquantitativa, uma mistura de qualitativa e quantitativa. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa busca obter ideias mais abrangentes e significativas, reexaminando e modificando o conjunto inicial de categorias, enquanto na pesquisa quantitativa o trabalho é realizado a priori, ou seja, a partir de dados anteriores. Portanto, serão utilizadas tabelas para análise quantitativa e textos narrativos para análise qualitativa.

3.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO

A pesquisa será realizada no estado do Tocantins, região norte do Brasil, o portal G1 Tocantins foi escolhido como objeto de estudo por ser um site de notícias pertencente ao Grupo Globo que cobre todo o estado.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A análise ocorrerá nos anos de 2018 a 2020, por serem mais recentes e nos meses de agosto a setembro, visto que são períodos de seca e setembro é o mês de pico das queimadas.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os dados serão coletados nos meses de agosto e setembro. Será utilizado o mecanismo de busca do site com as palavras-chaves “Queimadas Tocantins”, “Fogo Tocantins” e “Incêndios Tocantins”. Antes da coleta ainda serão levantados conceitos e estudos sobre jornalismo especializado, jornalismo ambiental, jornalismo de meio ambiente e queimadas no Tocantins. A análise de conteúdo será utilizada como método para categorizar as matérias publicadas sobre queimadas no período pesquisado e verificar se há abordagem educativa. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se estuda, visando o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.

3.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Na categorização, as matérias serão classificadas e diferenciadas entre as que abordam jornalismo ambiental e as que tratam de jornalismo de meio ambiente. Bardin (1977), define a categorização como um processo estruturalista de duas etapas, em que na primeira isola-se os elementos e na segunda os reparte, fazendo a organização das mensagens.

5 ORÇAMENTO

Materiais	Quant.	Valor Unitário	Valor Total
Resma de folhas A4	1	R\$25,00	R\$25,00
Impressão/xerox	60	R\$1,00	R\$60,00
Encadernação e plastificação	1	R\$10,00	R\$10,00
Caderno	1	R\$12,00	R\$12,00
Caneta	1	R\$2,00	R\$2,00
Marca Texto	1	R\$10,00	R\$10,00
Lapiseira	1	R\$10,00	R\$10,00
Borracha	1	R\$1,00	R\$1,00
Internet	9 meses	R\$100,00	R\$900,00
Celular	1	R\$1000,00	R\$1000,00
Notebook	1	R\$2300,00	R\$2300,00
Pendrive	1	R\$25,00	R\$25,00
Revisão	1	R\$90,00	R\$90,00
Total			R\$4445,00

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Laurence Bardin. Tradução: Luís A. R. e Augusto Pinheiro. 70.ed. França: Edições 70, 1977. 229 p.
- BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, 2017.
- BIAZUSSI, Helen Mariel; MACEDO, Jayrton Noletto de. **Queimadas: impactos ambientais e a lei 9.605/98**. Revista Científica do CEDS, v. 1, n 7, 2017.
- BUENO, Wilson Da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 15, 2007.
- CORPO DE BOMBEIROS MILITAR. **Relatório final das ações do comitê do fogo 2020**. Nov. 2020. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/545551/>. Acesso em: 20 maio 2021.
- DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires; GRIMBERG, Daniela De Seixas. **Jornalismo Ambiental: análise dos critérios de noticiabilidade na web**. Comunicologia (Brasília), 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; CAMANA, Ângela; LOOSE, Eloisa Beling. **Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010**. Intexto, n. 34, p. 362-384, 2015.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; SILVA, Jamille Almeida da. **O Jornalismo Ambiental na concepção de quem o faz: estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa**. Aturá: Revista Pan-Amazônica de Comunicação. Palmas, TO: UFT. Vol. 2, n. 2 (maio/ago. 2018), p. 48-66, 2018.
- JUSKI, Juliane do Rocio; HOFF, Rafael Sbeghen et al. **Jornalismo Especializado**. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2020. 260 p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 256 p.
- OLIVEIRA, Nilton Marques De. **Produção agropecuária agregada: uma aplicação para o Estado do Tocantins**. Revista Desafios, Palmas, v.5, n.1, 2018.
- ROCHA, Liana Vidigal. **A utilização de elementos multimídia no jornalismo online: a cobertura do G1 sobre o Tsunami no Japão**. Encontro Nacional de História da Mídia, v. 8, 2011.
- SOBRINHO, Cléber José Borges; JÚNIOR, Dernival Venâncio Ramos. **As queimas e as queimadas no Tocantins: o município de maior registro da série histórica de focos de calor ativos**. Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, v. 11, n. 1, p. 378-390, 2020.

APÊNDICE A

Projeção de sumário para o TCC II

1 INTRODUÇÃO

2 JORNALISMO ESPECIALIZADO

3 JORNALISMO AMBIENTAL X JORNALISMO DE MEIO AMBIENTE

4 COBERTURA DE QUEIMADAS NO TOCANTINS

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

5.2 ÁREA DE REALIZAÇÃO

5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

5.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

5.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

6 ANÁLISE DE DADOS

7 CONSIDERAÇÕES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICES